

O buraco e a escada manca

Renata Udler Cromberg

Em suas falhas de simbolização, Ana ilustra uma clínica peculiar, onde as tentativas do advir simbólico passam por inúmeras “contaminações” no e do *setting*.

Dedico este texto a uma acompanhante terapêutica que sabe o que lhe devo, à equipe da Casa desde 1985, inclusive os que dela se afastaram, e à equipe da Estação.

Um passeio pela cidade

Uma vez me dei conta de que, nascida na megalópole de São Paulo, tendo vivido nela até o presente momento e só me ausentado em viagens de lazer ou trabalho, o espaço geográfico que eu havia percorrido era muito restrito. No entanto, como a cidade havia se modificado nas quatro décadas de minha existência! Como também as referências físicas e geográficas, que tinham para mim uma certa estabilidade, adquiriam figurações e até significações tão diversas, de acordo com momentos dife-

rentes do meu espaço psíquico. O rio que uma vez fez figura de maneira sombria em momentos de angústia profunda era, em outro momento, o rio onde radiante contemplava, num momento apaixonado, o reflexo do sol e seus desenhos de exuberantes tonalidades. Tão diferente e tão outro, e no entanto o mesmo rio. O mesmo circuito automotivo que faço tantas vezes, em tantos momentos, em tantos dias, pode-me ser quase

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Este artigo reproduz uma comunicação feita no II Encontro de Acompanhantes Terapêuticos, Hospital-Dia A Casa/ PUC-SP, 1994.

ausente, sem que eu saiba dizer a cor do carro que segue atrás de mim; eu, absorta em meus pensamentos, ouvindo uma música ou conversando com alguém a meu lado, dirigindo com percepção automática, pelo funcionamento automático de funções egóicas. No entanto, em algum momento, o carro atrás de mim pode ser o apoio de uma projeção de alguma sensação persecutória, capturado pela astúcia de alguma fantasia que escapa aos domínios inconscientes habituais. E ainda que eu saiba que um carro é um carro e que eu não estou dentro do primeiro filme de Spielberg (*Encurralado*), por instantes convivem, lado a lado, a realidade “material” do carro, ou melhor, sua realidade configurada por códigos simbólicos compartilhados por vários usuários da rua e uma realidade de outra, uma outra cena, a cena da fantasia inconsciente. Os exemplos poderiam se multiplicar mas bastam-me, no momento, para dizer que, de maneira mais ou menos secreta, todos estamos sujeitos a estas vivências onde o que nos é familiar, aquilo que usamos pragmaticamente, torna-se totalmente estranho, radicalmente outro, invadido por nossa cena interior e, assim, o que nos é estranho torna-se, repentinamente, familiar. A mesma voz ríspida do açougueiro pode nos soar terna se estamos de bom humor, de bem com a vida, ou pode nos soar terrivelmente aborrecida e até ameaçadora, se estamos de mau humor ou com raiva.

É o reconhecimento desta não isenção, desta contaminação entre espaço externo e interno, deste limite que pode ter uma aparência tão sólida, e que no entanto de repente pode se tornar fluido e permeável entre meu corpo e o mun-

do, entre a imagem de mim e a imagem do mundo, entre o dentro e o fora; é este reconhecimento que capacita alguém a se dispor a acompanhar terapêuticamente um outro; um outro que vive grande parte de seu tempo imerso numa outra cena, alheio ao mundo material, ao menos no que se refere à sua significação simbólica. Quem quer ele seja, psiquiatra, psicanalista, acompanhante terapêutico, o que o assim chamado psicótico pede é uma cumplicidade total com a verdade incômoda de que os limites entre o

Os limites entre o dentro e o fora são tênues, árduas construções que, por estáveis que sejam, não estão isentas de se desfazer em qualquer um, ao sabor das mais variáveis circunstâncias.

dentro e o fora, entre o si e o outro, são tênues, são árduas construções ao longo da existência (também nos assim chamados não-psicóticos); construções que, por estáveis que sejam, não estão isentas de se desfazer em qualquer um, ao sabor das mais variáveis circunstâncias.

Interlúdio teórico com Freud

O que estou falando, em verdade, refere-se àquilo que Freud, no final da *Interpretação dos sonhos*, define como sendo o processo primário, que se dá no inconsciente, e o processo secundário, que se dá com a intervenção de uma segun-

da instância, o pré-consciente/consciente. Se o primeiro vai aspirar uma descarga de excitação para criar, com o acúmulo desta, uma identidade de percepção, o segundo abandona este propósito e tenta conseguir uma identidade de pensamento. Todo pensamento é somente um rodeio, desde a recordação da satisfação, tomada como representação final, até a carga idêntica da mesma recordação, que deve ser alcançada pelos caminhos que enlaçam as representações, sem se deixar cair em erro pelas intensidades das mesmas. É por isso que as condensações, as formações intermediárias e transicionais são um estorvo para alcançar este fim de identidade, já que, substituindo uma representação por outra, desviam do caminho que partia da primeira. Portanto, o pensamento secundário as evita cuidadosamente. Embora o princípio do prazer forneça apoios ao processo de pensamento, atrapalha-o também na perseguição da identidade intelectual. Daí Freud dizer que a tendência do pensamento é orientar-se em direção à libertação da

regulação pelo princípio do prazer, e a limitar a um mínimo, utilizável enquanto premissa, o desenvolvimento dos afetos pelo trabalho de pensamento. Este aperfeiçoamento da função deve ser conseguido por uma sobrecarga proporcionada pela consciência. Mas ainda que na vida anímica a mais normal, conclui Freud, tal aperfeiçoamento só raras vezes se consegue, e nosso pensamento permanece sempre acessível à falsificação pela intervenção do princípio do prazer.¹

Este trecho do trabalho metapsicológico de Freud sempre me inquietou, já que contém uma espécie de ideal de que o processo secundário, o pensamento, pudes-

se se dar desvinculado do processo primário, naquilo que seria o acesso à ação específica, o acesso à realidade. É como se Freud acreditasse existir um *verdadeiro* pensamento, oposto a um pensamento falsificado pelo princípio do prazer. Isto coloca problemas, a meu ver, pois postula como ideal um pensamento que passa ao largo dos afetos e das formações não representativas, um pensamento instrumental que alcança a realidade material.²

O encontro com Ana

No que se refere ao tema dos limites do terapêutico, isto tornaria quase impossível o trabalho com os pacientes chamados difíceis, ou psicóticos, que apresentam buracos consideráveis nestas cadeias de representações, tornando inócuas as interpretações que, para se formularem, buscassem as representações.

Assim, Ana adivinha a interpretação que pensei em fazer-lhe no início de sua análise, pouco antes de entrar em surto, após ter se levantado para pegar um *Kleenex*, dando para mim a sensação de ter penetrado na minha cabeça. Diante da minha expressão surpresa, exclama com um cinismo ao mesmo tempo desesperado e arguto que “você analistas são todos iguais, parece que buscam frases prontas como se fossem latarias infinitamente iguais em uma prateleira de supermercado. É tedioso, revoltante e sem saída”. Ela apenas me anunciava que deste jeito eu não poderia acompanhá-la na catástrofe que se avizinhava, que eu ficaria impotente e ela também, por mais que tivesse vindo procurar uma analista por achar que era a única esperança que tinha. O seu apelo era de que eu me despojasse da construção habitual do meu lugar de analista, ao mesmo tempo em que me propunha o desafio de assumir o lugar de co-piloto num passeio sofrido e torturante, de destino

incerto, no qual ela esperava de mim que sustentasse sua demanda paradoxal: “me acolha dentro de você como se eu fosse seu bebê ainda por nascer, mas não me deixe te invadir e te destruir, não fale suas palavras enlatadas que só querem me enganar e me seduzir: me alimente com suas palavras criativamente renovadas a partir daquilo que eu possa figurar para você. Não seja analista, crie-se analista, e no entanto saiba o que você está fazendo, quais são seus referenciais”. Ela me ensinou tanto quanto Winnicott, Freud, Lacan e Fédida, meus companheiros imprescindíveis nesta viagem: ela nos levou a tentar tornar familiar o radicalmente outro que a alucinação e o delírio tentavam contornar. A senhora Klein também compareceu para me ajudar (eu sempre só percebia depois a presença destes intercessores), nos momentos em que meu pensamento tentava dar conta das impressões que impregnavam meu corpo, nos momentos das tempestades inesperadas de Ana.

“Pelo seu nome, pensei que eu iria encontrar uma velha e sábia senhora judia”, foi a primeira frase que ela me disse, ainda quando eu fechava a porta e ela se encaminhava para a poltrona, no nosso primeiro encontro. Logo entendi que isso era tudo o que ela não precisava. Filha de intelectuais, *as sábias palavras e os livros eram coisas ocas que a tinham privado desde muito cedo de um contato sensorial e afetivo fundamental com seus pais*. Eram os livros os objetos de manu-

Você analistas buscam frases prontas como se fossem latarias em prateleira de supermercado.”

seio e investimento de seus pais. Não é tão rara assim esta *prótese de simbólico* que um paciente pode apresentar. Ela permite, até uma certa idade, uma convivência razoável no mundo dos homens; mas, ao desmoronar, revela não ter estado apoiada em um trabalho psíquico, e sim ter-se sustentado na idealização de modelos que levaram a um aprendizado mecânico. É por isso que aquele que vive o momento psicótico sabe, mais do que ninguém, que a realidade simbólica se sustenta sobre o vazio de um buraco, a partir do movimento de forças abissais que transformam partículas em corpos materiais e estes em realidades simbólicas.

Este entendimento favoreceu que eu pudesse criar as condições para a emergência de um apoio transferencial que se deu no início do seu surto, quando, um dia, Ana chega desesperada e diz: “A minha cabeça está saindo do meu corpo, por favor, faça alguma coisa.” Eu a convido a deitar-se no divã e seguro a sua cabeça dizendo, a intervalos mais ou menos regulares, guiados pelo que ia se configurando como entendimento daquele momento, “eu estou segurando a sua cabeça”, “sua cabeça está grudada no seu corpo”, “sua cabeça pertence a seu corpo”. Muitos meses de-

O *setting* analítico se ampliava na criação de escuta e de interferências.

pois, já fora do surto, quando ela sentia raiva de mim e queria ir embora, quando já não se lembrava muito do que havia se passado nos seis primeiros meses de análise (enquanto estava em surto), sempre se ancorava neste momento: “Mas você segurou minha cabeça justo quando eu achava que ia morrer”, dando-me um *feedback* de quão importante havia sido aquele momento para ela e para seu processo. Poder-se-ia apontar aqui que, afinal, não há nada de transcendente neste gesto que eu fiz. Para mim não foi assim, já que eu tentava conduzir este processo dentro de um enquadramento analítico, ainda que este se ampliasse no que se referia tanto à criação de condições de escuta como de interferências (fossem elas verbais ou não). Neste momento, eu talvez tivesse dado a Ana o *holding* fundamental, segurando sua cabeça para permitir-lhe, autorizar-lhe uma *integração somato-psíquica* que viesse pôr fim à sensação de aniquilação. Não é esta a primeira função que Winnicott atribui à mãe? Segurar e manipular o bebê para que corpo e mente possam se integrar; quando isto não acontece, a vivência é de queda e aniquilação mortíferas.³

O mais interessante é que esta primeira intervenção não-verbal deu margem a que eu pudesse criar um campo transferencial à maneira de um *espaço transicional*, onde não só as palavras - mas também elas - os gestos, a movimentação, os sons, os estados corporais, os afetos se faziam figuras, *figuras à procura de nomes*, ainda que às vezes só se catalisassem como figuras para novamente se dispersarem no caos.

É assim que Ana faz um balão de argila para exprimir seu corpo e como se sentia: pairando no ar na sua família. Desenha para mim buracos e afirma ser este um desenho recorrente desde a escola, o que a impedia de se concentrar nas falas dos professores. A partir de um desejo seu de ter um bicho de pelúcia importado, invento-lhe um objeto transicional, através de um ursinho que lhe dou: significo-o como uma maneira de eu estar presente quando sente medo de ficar em casa sozinha, medo que poderia levá-la de volta às alucinações. Tenho que trabalhar com ela sua frustração por eu não poder lhe dar o mais caro, material que tem a ver com seu delírio de riqueza e grandeza. Iatrogenizada por algumas análises (e pelas sucessivas análises maternas), algumas com *setting* muito rígido, do qual fazia parte necessariamente o ritmo de quatro vezes por semana, ela se espantava com os recursos não-verbais: receava, mas logo se entregava a eles com uma vivência inédita de prazer, beneficiando-se dos mesmos e me dando indicações do aumento de confiabilidade e de que aquele estava sendo um bom caminho.

Quando começou a melhorar, pôde me dizer que se sentia num buraco que tinha uma escadinha, como aquela da piscina que em tempos menos sombrios costumava frequentar. Mas nela faltavam degraus, e às vezes o hiato entre os degraus era muito grande e não dava para subir. Pergunta-me se eu poderia ajudá-la a subir. Eu demon-

ro a responder, ciente de que ela não toleraria nem mais nem menos do que uma resposta verdadeira. Digo-lhe que poderíamos tentar *construir o degrau que faltava*, mas que talvez só desse para construir um pedacinho; que eu acreditava que este pedacinho poderia ser suficiente para ela apoiar seu pé e emergir à superfície. Disse também que eu estava ali e que estaria ali de qualquer forma, mas o disse de uma forma tal que ficou claro que não dependia de mim este movimento; ela sozinha é que teria de colocar o pé no degrau.

Este buraco e esta escada manca foram para mim o primeiro acesso ao espaço psíquico de Ana. Estas figuras permitiram situar os vários níveis em que poderia se dar a construção do degrau, ou do pedaço de degrau, primeira metáfora compartilhada por mim e por Ana. A partir do caos, a alucinação e o delírio; a partir destes, as figurações de estados corporais através de materiais ou da intervenção do meu corpo; a partir daí, relatos de sonhos e imagens. Só então os traços de memória. Não que as recordações não tivessem já aparecido, mas o faziam como as latarias do supermercado de Ana, desencarnadas, ocas pelas sucessivas repetições, iscas para atrair os seus analistas anteriores. Armadilha em que caí, mas logo de início percebi. E mesmo quando os traços de memória apareceram com todo o seu peso, em momentos cruciais, após um árduo trabalho psíquico, eles não puderam se descongelar e deixar de ser uma imagem parada. Assim, se havia *Sentido*, uma transposição para o plano da significação, apesar de ensaiada, frustava-se, embora deixando efeitos importantes. Entendi aí o que era a falha no simbólico. O que coloco aqui não se deu num movimento progressivo e linear, mas em uma espiral que sempre se interrompia e se reiniciava.

A mãe mostra seu espanto com a fragilidade e ao mesmo tempo

com a docilidade de sua filha, já que ela havia sempre sido muito hostil, em especial na primeira crise que havia tido, dez anos antes. Disse que nunca havia estado tão próxima da filha, corporalmente. Após uma viagem Ana volta feliz, pois havia passado no parque com sua mãe, as duas haviam brincado no balanço do parque e admirado um certo bichinho vivo, o mesmo que a mãe colecionava enquanto objeto, na mesa da sala de sua casa. Ana diz que não se lembrava de outra vez em que havia brincado com sua mãe e rido tanto.

A entrada de um acompanhante

Nesta ocasião, eu iria tirar duas semanas de férias e ela se mostrava apavorada com meu afastamento. Foi então que decidi chamar um acompanhante terapêutico. Quando a chamei e propus que acompanhasse Ana, disse que não sabia direito por que estava fazendo aquilo. Ela deu-me uma resposta preciosa, fundamental: "Porque você está cansada, e precisa de alguém para a ajudar para que você possa descansar." Após as férias, o acompanhamento durou alguns meses, concomitante com a análise, até pouco tempo depois da saída do surto. A mãe se espanta com a existência deste recurso. Ana se liga muito à acompanhante, seja no amor seja no ódio, e eu vou aprendendo a lidar com esta situação.

O meu receio era que nós três nos confundíssemos, o que se expressou uma vez pela fala de Ana à acompanhante, perguntando se ela tinha consultório e porque é que ela não poderia ir ao consultório da acompanhante também. Eu mantinha um contato ocasional com a acompanhante, que achava que este deveria ser mais freqüente. Eu tinha minhas dúvidas, pois queria manter a heterogeneidade dos espaços. Mas, ao mesmo tempo, nossas trocas eram ricas para mim, e

eu sentia que poderia dar as balizas que a acompanhante me solicitava sem ter que compartilhar todo o trabalho analítico que fazia com Ana, nem ficar no lugar de supervisora da acompanhante terapêutica. Com isso criou-se uma assimetria necessária, embora eu sentisse que tanto eu como a acompanhante fazíamos um trabalho analítico, dada a sólida formação (analítica) desta acompanhante. Ela me deu percepções suas que foram preciosos aportes ao meu trabalho.

Criou-se uma
assimetria
necessária: a
acompanhante
terapêutica deu-me
preciosos aportes
para o rico e
complexo campo
que se formou.

Gostaria de recortar, entre tantos, dois momentos de interação fundamental entre analista, A. T. e paciente, para mostrar a riqueza e complexidade do campo que se formou.

Um ano após a interrupção de sua análise, Ana entra em contato comigo pedindo o telefone da A. T., e a procura. Estavam ocorrendo eventos semelhantes aos que antecederam seu surto, coisa que quem me conta é a A.T., e não ela. Tem alguns encontros com a A. T. em sua casa, e esta faz uma intervenção absolutamente analítica entre a paciente e sua mãe, apontando questões cruciais do aprisionamento imaginário desta dupla. Ana não

surta, e vem me procurar. Entendo que a aproximação à A. T. se deveu ao fato dela temer o espaço do consultório pelas coisas sombrias, pelos afetos violentos, pelas revelações duras de sua realidade psíquica e familiar. O espaço do consultório, que havia sido suporte de seu espaço psíquico, parecia-lhe mais ameaçador enquanto sentia que poderia surtar novamente. Após sentir-se amparada e apoiada pela A. T., no espaço de sua casa e no da rua, pôde retornar ao espaço do consultório, não tanto para prosseguir sua análise, mas mais para se sentir reasssegurada de uma certa integridade narcísica ao me contar seus planos e as dificuldades de sua realização.

Um ano e alguns meses depois, por ocasião da morte de seu pai, dois contatos telefônicos comigo permitiram um escoamento da angústia e um reassseguramento seu frente à situação ambígua e confusa que estava vivendo em sua casa. Após alguns meses, ela me procura para reiniciar sua análise pela situação difícil entre ela, sua mãe e familiares. Após algumas sessões, Ana me pede que chame sua mãe e faça uma sessão com as duas, o que julgo pertinente. Tratava-se de detectar e montar estratégias que permitissem desfazer, se possível, um nó entre ela e a mãe.

Nesta ocasião, diante da compulsão à repetição que presentificou o aprisionamento da mãe a Ana - ela delegava à filha o desejo, fora da realidade, de riqueza e conforto como o de uma rainha - eu me utilizei de uma preciosa observação feita pela A. T. a mim: lancei uma pergunta que pareceu completamente descabida à mãe, e que fez Ana exultar, dizendo que este era o caminho: "O que aconteceu com a senhora na idade de x anos (idade do primeiro surto de Ana)?" Havia sido a idade em que ela havia perdido seu pai e se tornado arrimo de família; por este motivo, tivera de renunciar a viajar para o mesmo

país para o qual ela seguidamente impedia a filha de viajar, impedimento este que se relacionava com a eclosão dos surtos de Ana ou com a ameaça de tal. Havia desistido também do sonho de um casamento rico que pudesse aliviá-la em seu pesado encargo, sonho que inconscientemente ainda encarregava a filha de realizar. Apesar de uma nova entrevista marcada, nem esta senhora atônita e empalidecida nem sua filha apareceram. Ao telefone, Ana me disse, um mês depois, que as coisas haviam se modificado muito, que tinha sido muito importante, que me agradecia muito e que voltaria a me procurar.

O acompanhante terapêutico seria o amigo *visível*, este duplo, encarregado do anteparo defensivo em contato com o mundo exterior.

A assimetria ou não entre analista e Acompanhante Terapêutico configura-se para mim como questão. Naquele momento, eu encontrei uma formulação feliz para o que havia tentado fazer tanto com a A. T., como com o médico que medicava Ana, como com sua mãe, como com o casal de pais, a partir de uma imagem de Pierre Fédida⁴ em relação ao papel do analista no tratamento de pacientes chamados “di-

fíceis”. Nesta ocasião, Fédida dizia que o analista deveria ser como um maestro de orquestra, regendo as várias intervenções necessárias ao acompanhamento destes casos. Pareceu-me apropriado isto, e eu tentei entender por que. Porque era eu, como analista, que tinha em mim a memória da construção de um espaço transferencial, no qual por sua vez a construção estava sendo possível de um espaço psíquico de Ana. Naquele espaço transferencial, os vários personagens, bem como os traços de memória, iam-se desenhando, bem como as possibilidades - ainda tênues - de significação, ressignificação e nomeação. Não que isto não pudesse se dar em

outros espaços, tanto que se dava; mas no sentido de utilizar o que acontecia no Acompanhamento Terapêutico enquanto *material* de análise e não enquanto um *desdobramento* da análise.

O acompanhante terapêutico é uma espécie de companheiro imaginário às avessas de seu paciente. Como coloca Winnicott⁵, o “amigo invisível” é uma criação muito primitiva e mágica, usada como defesa para se desviar de maneira mágica de

todas as angústias relacionadas à incorporação, digestão, retenção e expulsão. Ele não é uma simples construção de fantasia, mas um *self* muito primitivo. Ora, aquele que vive o acontecimento psicótico não tem um amigo invisível; ele é a encarnação desta invisibilidade, já que esta alteridade primitiva eclode nele em bruto. O acompanhante terapêutico seria o amigo *visível*, ou seja, este duplo que se encarregaria do anteparo defensivo no seu contato com o mundo exterior, mas

que, por estar em ligação com a face invisível, poderia permitir pontes, elos que facilitariam ao seu paciente ir formando uma pele mais resistente no seu contato com o mundo exterior. Passeando na rua, perambulando na casa, junto a seu companheiro, o A. T. pode abrir portas muito fechadas, ou fechá-las quando estão muito abertas, com a condição de que espaço externo e espaço interno estejam numa relação de mútua expressão. Isso só é possível se ele se empresta (seu espaço psíquico e corporal) para ser usado pelo paciente, e se este, ao usá-lo, puder aprender a usar-se.

Um passeio na cidade, sem sentir-se encurralado por ela, criando a cidade que, no entanto, já existe. Não é esta a aposta que está colocada para todo aquele que não quer apenas sobreviver, mas viver com sentido e intensidade? ■

NOTAS

1. S. Freud, “A Interpretação dos Sonhos” (1900), in *Obras Completas*, Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1973, vol. I, p. 710.
2. Em “Algumas reflexões sobre o Eu” (in *Psicanálise*, 1985, Clínica Freudiana, São Paulo, p. 25), J. Lacan nos fala das formulações aparentemente contraditórias nos desenvolvimentos de Freud sobre o eu, mas que se resolvem “se nos liberarmos de uma concepção ingênua do princípio de realidade, e observarmos o fato de que, embora a realidade preceda o pensamento, adquire diferentes formas segundo a maneira do sujeito se relacionar com ela. Freud não o ignorava, mas suas afirmações a respeito nem sempre são claras”. (Tradução modificada).
3. D. Winnicott, vários textos em *Da Pediatria à Psicanálise*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1988.
4. P. Fédida, comunicação oral em seminário clínico realizado em São Paulo em 1992.
5. D. Winnicott, “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), in *Da Pediatria à Psicanálise*, p. 277.